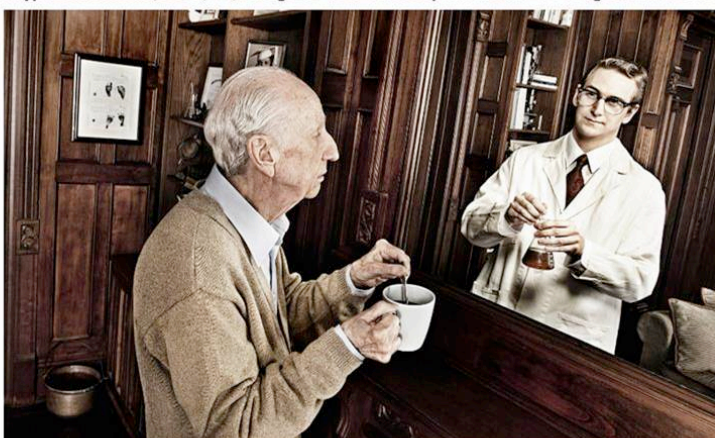


Em que espelho ficou perdida a minha face? A angústia frente ao envelhecimento



<http://www.hypeness.com.br/2014/12/fotografa-de-74-anos-quebra-tabu-e-se-registra-nua-em-serie-inspiradora/>



<http://www.hypeness.com.br/2012/12/fotografo-faz-reflexao-sobre-velhice-mostrando-idosos-se-enxergando-jovens-no-espelho/>

Valderis Maira Guarnieri

Ruth Gelehrter da Costa Lopes

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Inspirada pelo poema “Retrato” de Cecília Meireles, esse texto trata de uma angústia que, creio, não é só minha e que, de certa forma, assombra pessoas em todas as idades, mesmo tendo diferentes nuances em cada uma delas, e em cada indivíduo.

Por vezes o rosto que olhamos no espelho parece ter mudado muito rápido e ficamos sem conseguir perceber como o tempo pôde nos empurrar de forma tão abrupta para o futuro; um futuro que nos era distante e agora está aqui, diante de nossos olhos refletidos nesse espelho.

Minha inquietação frente ao tema do envelhecimento nasceu há muito tempo; acredito que de alguma forma sempre esteve comigo; mas hoje o que me motiva a escrever esse texto é notar nos olhos de amigos queridos, de meus pais e do meu próprio reflexo esse incomodo frente ao corpo velho que perece e parece “ter nascido” do dia para a noite. Pensei que talvez fosse um incomodo muito pessoal, mas a cada dia encontro mais relatos de pessoas que sentem o mesmo estranhamento.

O que pude encontrar, vasculhando dentro de mim, foi à vontade de pensar o que a imagem desse corpo envelhecido carrega consigo.

Talvez tenha dificuldade em lidar com a certeza de que sonhos antigos não se realizaram, metas não foram atingidas, e muitas coisas que se gostaria de ter feito não foram feitas, quando muitos “E Se...” inundam nossa mente.

Talvez a imagem no espelho carregue a dificuldade e a angústia frente ao vivido, o que passou, que não se pode mais REviver, ou o grande dilema de como parar de viver no futuro e viver o presente, já que a realidade do Cronos nos força a não fazer mais planos a longuíssimo prazo como era costume para muitos.

Em alguns casos, como lidar com o peso dos arrependimentos sobre decisões tomadas no passado? Como viver a alegria e as recordações de lindas memórias? Como se “desligar” do trabalho, que por muito tempo nos definiu como indivíduo e perceber que sua identidade tem outras facetas, há muito atrofiadas e murchas por trás da função social que você sempre exerceu?

Como lidar com o tempo livre, com sua própria companhia, quando a vida não cobra mais a mesma urgência e rapidez de sempre? Como se apropriar do presente e habitar de forma plena essa imagem refletida no espelho?

Essa imagem traz a sensação de perda da beleza associada à juventude, ideia tão difundida em nossa sociedade contemporânea. Não são poucos os que não aceitam o passar dos anos, demonstrando o quanto não “pertencem” aquele corpo que os tomou como que de surpresa, muitas vezes, se lançando numa busca constante por novos tratamentos de beleza e rejuvenescimento.

Velhice e envelhecimento não foram e, de fato, não são vistos sempre da mesma maneira. São constructos socioculturais e históricos como nos esclarece a antropóloga Maria Helena Villas Bôas Concone em seu artigo “Medo de envelhecer ou de parecer?” publicado na revista Kairós em 2007:

Não se pode ignorar que a velhice é também uma construção sociocultural, isto é, sendo um dado da realidade de qualquer sociedade humana, está sujeita às ações nominadoras da cultura (atribuição de nome, classificação, significação, etc.); a noção de velhice depende, basicamente, do estabelecimento de demarcações socioculturais. Além disso, encontramos no envelhecimento aspectos universais (biológicos), conquanto seus ritmos variem por numerosas razões (biológicas e outras). De fato, pode-se dizer que o envelhecimento é a um tempo biológico e sociocultural. Assim, tal como a noção de corpo (que, como se viu, é referência importante na nossa percepção de velho), a noção de envelhecimento também goza de uma dupla natureza: biológica e sociocultural. Essas duas dimensões se imbricam, dialogam e digladiam. Além disso, as realidades da velhice e do envelhecimento, embora submetidas às suas próprias lógicas, são de fato interdependentes. (CONCONE, 2007, p.31)

Essa concepção de que é de nossa responsabilidade manter nossos corpos saudáveis, bonitos, jovens, escondendo as marcas do corpo que envelhece atravessa fortemente nossa cultura como destaca Santos (2006), em sua tese de doutorado: “O indivíduo é representado como autônomo e responsável por suas opções; saúde e doença, beleza e feiura são de sua responsabilidade, dependem das suas escolhas, das suas ações” (CONCONE, 2007, p.23)

E nossa subjetividade, sendo atravessada por todas essas noções amalgamadas a nossa cultura, é inundada de imagens negativas associadas à velhice. Se o modelo apreciado majoritariamente é o da juventude, “apagar” as marcas do envelhecimento é um dos grandes objetivos frente a esse corpo que envelhece.

Santos (2006) lembra que, coerentemente com a centralidade do corpo no mundo contemporâneo, “o corpo também é o marketing de si mesmo”: “É na sua aparência, tonicidade, juventude e magreza que revelamos quem somos, a chave do sucesso, mas também do fracasso” (SANTOS, 2006, p.22).

Quando não nos adequamos a esse padrão nos estramos, nos entristecemos. Tenho refletido muito sobre a relação da mídia e seu papel na construção dessa angústia frente ao próprio envelhecimento e, hoje, fica claro para mim, seu importante papel nesse processo.

Lopes e Renck (2014) discutem como a mídia acaba por embasar esses fantasmas que assombram o envelhecimento:

Os paradigmas que cercam as pessoas idosas ficam evidentes nas campanhas publicitárias veiculadas pelos meios de comunicação. Nelas o que vemos são, habitualmente, idosas que “não aparentam a idade que tem”, pois usam tal ou qual produto; são homens e mulheres que, apesar da idade, mantêm um “espírito jovem”; pessoas ativas e abertas os “novos tempos”, que envelhecem longe de “camisolas e pijamas”; que frequentam academias e participam ativamente do mercado de consumo (não mais apenas de remédios); enfim, mulheres e homens que marcam presença em consultórios e clínicas de cirurgias plásticas não para procedimentos corretivos e relacionados à saúde, mas para afastar as marcas do tempo em seus corpos. (LOPES e RENCK, 2014, p.104)

Procurei nos meios de comunicação exemplos que andassem por caminhos opostos a esses citados, e que tão facilmente encontramos ao folhear qualquer revista da atualidade ou trocar os canais da televisão: o velho com aparência de jovem ou o velho associado à doença e à morte. Morte essa que se busca combater, escondendo a velhice como se ela fosse parte dessa doença incurável, que é o morrer.

Encontrei dois exemplos magníficos, de pessoas que se debruçaram de forma muito sensível sobre o tema, e buscaram refletir sobre essas questões no caminho inverso ao convencional.

Um deles foi o fotógrafo norte americano Tom Hussey que retratou idosos olhando para o seu reflexo no espelho quando jovens. Essas fotos fazem parte de uma série intitulada “Reflections”, realizada com extrema sensibilidade, e que nos faz pensar sobre a passagem do tempo a partir de lindas e melancólicas imagens.

Outro exemplo, de um olhar muito particular, e que vai contra a corrente, é o trabalho da fotógrafa Marna Clarke que, aos 74 anos, fala em uma reportagem ao Huffington Post: “Eu queria ver como o ‘velho’ se parecia em mim, então comecei a tirar fotos do meu corpo nu: pés, mãos, tronco, braços, pernas, rosto, cabelos”. Marna quebra tabus e se fotografa nua em série inspiradora.

Esses fotógrafos são vanguardistas de uma mudança que já acontece. Os velhos de hoje não são mais os mesmos de antes. Acredito que os incômodos de hoje e nossas angústias frente ao envelhecimento tendem a se modificar, e a forma como enxergamos nossos corpos envelhecidos, também, tende a se transformar.

Viveremos em paz com o Cronos e abençoados pelo Kairós? Talvez não totalmente; mas esses fotógrafos já anunciam uma mudança clara de paradigma. O “envelhecete” não será um indivíduo a se confundir com o jovem, numa busca constante por mascarar as mudanças intrínsecas a sua idade.

Talvez, num futuro próximo, a palavra velho não pareça uma ofensa e não tenha, como hoje, que se valer de expressões politicamente corretas como “melhor idade”, “terceira idade”, “suave idade”. Talvez o pictograma que representa a velhice não seja alguém cambaleando apoiado por uma bengala.

Qual será esse novo paradigma do “corpo velho” que se mostra no horizonte? Não tenho a resposta, mas as mudanças vêm, pouco a pouco, passo a passo.

Referências

CONCONE, M.H.V.B. Medo de ser ou de Parecer. *Revista Kairós*, São Paulo, 2007, pp. 19-44.

HYPENESS (S/D). *Fotógrafa de 74 anos quebra tabu e se registra nua em série inspiradora*. Disponível em: <http://www.hypeness.com.br/2014/12/fotografa-de-74-anos-quebra-tabu-e-se-registra-nua-em-serie-inspiradora/>. Acesso em 24/07/2015.

HYPENESS (S/D). *Fotógrafo faz reflexão sobre velhice ao mostrar idosos se enxergando jovens*. Disponível em: <http://www.hypeness.com.br/2012/12/fotografo-faz-reflexao-sobre-velhice-mostrando-idosos-se-enxergando-jovens-no-espelho/>. Acesso em 24/07/2015.

LOPES, R.G.C; RENCK, R.C. Reflexões: Mídia, medicina estética, família e envelhecimento. *Revista Portal de Divulgação*, 2014, n.40, Ano IV.

SANTOS, L.A.S. *O corpo o comer e a comida*. Tese de doutorado. PEPGCS, São Paulo, PUC, 2006.

Data de recebimento: 22/06/2015; Data de aceite: 22/06/2015.

Valderis Maira Guarnieri - Aluna do curso de graduação de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica – PUCSP, 5º semestre. Email: valderis.guarnieri@axa-assistance.com.br

Ruth Gelehrter da Costa Lopes - Supervisora Atendimento Psicoterapêutico à Terceira Fase da Vida. Profa. Dra. Programa Estudos Pós Graduados em Gerontologia e no Curso de Psicologia, FACHS. Email: ruthgclopes@pucsp.br